

## **Sant'Ana de Paranaíba no século XIX: aportes para o debate sobre latifúndio e escravidão**

Isabel Camilo de Camargo\*  
Maria do Carmo Brazil\*\*

### **RESUMO**

A presente comunicação é fruto de nossas inquietações referentes ao passado histórico da região próxima dos rios Sucuriú, Paraná e Paranaíba, pertencente ao sul do antigo Mato Grosso. A idéia é contextualizar o cenário aproximado das unidades produtivas pastoris da região com objetivo de focar a presença da mão-de-obra – capatazes, peões e cativos nas fazendas pastoris da região de Santana de Paranaíba e Três Lagoas. A existência de inúmeros documentos nos arquivos regionais envolvendo, sobretudo grandes proprietários da região e trabalhadores escravizados, despertou nosso interesse em estudar a região que envolve Três Lagoas e Santana de Paranaíba. A partir daí passamos a desenvolver atividades de pesquisas regionais centrando esforços em tópicos temáticos sobre relações de terra e trabalho escravizado, na busca de consolidar domínio sobre as singularidades desse espaço de passado escravista. Portanto, definimos como objeto de nossa análise o processo de formação do latifúndio e a introdução, consolidação e desenvolvimento da produção pastoril, no referente à realidade econômica, política e cultural mato-grossense, com destaque para o gado bovino, de 1830 a 1888.

**PALAVRAS CHAVES:** escravidão, Paranaíba, século XIX

### **ABSTRACT:**

The current text is result our anxiety about the historical past at the place near the rivers Sucuriú, Paraná e Paranaíba, belonging to south old Mato Grosso. The idea is to discuss the scene at unit the productivity of pasture with the objective to analyses the labor in Santana de Paranaíba e Três Lagoas. The existence countless documents in the regional archives involving big owner and slaves, woke up our interest to study this place that it is Três Lagoas e Santana de Paranaíba. From we developed activities the regional researches in subject matter about relation of land and slavery, looking for going deeper into this place that it is putting in slave past. Therefore, we defined as object at our analysis the process of formation the large estate and introduction, development the productivity of pasture, regarding to reality economy, politics and cultural sul mato-grossense, pointing the cattle, at 1830-1888.

**KEY WORDS:** slavery, Paranaíba, century XIX

O presente texto é fruto de nossas inquietações referentes ao passado histórico da região próxima dos rios Sucuriú, Paraná e Paranaíba, pertencente ao antigo Mato Grosso. A existência de inúmeros documentos existentes nos arquivos regionais envolvendo, sobretudo grandes proprietários da região e trabalhadores escravizados, despertou nosso interesse em estudar a região que envolve a cidade de Três Lagoas e Santana de Paranaíba. A partir daí passamos a desenvolver atividades de pesquisas regionais centrando esforços em tópicos

temáticos sobre relações de terra, trabalho escravizado e livre na busca de consolidar domínio sobre as singularidades desse espaço de passado escravista.

O processo de formação do latifúndio e a introdução, consolidação e desenvolvimento da produção pastoril foram definidos como centro de nossa análise, sobretudo, no referente à realidade econômica, política e cultural, com destaque para o gado bovino, de 1830 a 1888. Procuramos contextualizar o cenário aproximado das unidades produtivas pastoris da região com objetivo de focar a presença da mão-de-obra e cativos nas lides pastoris das fazendas sulinas do antigo Mato Grosso, sobretudo nas fazendas pastoris da região próxima dos rios Sucuriú, Paraná e Paranaíba, em fins dos séculos XIX.

É um estudo que exige a identificação da gênese e do desenvolvimento da economia pastoril, especialmente no que diz respeito à criação bovina, na região e no período delimitado. Este aspecto envolve estudos sobre o espaço regional, antes pertencente aos nativos caiapós, onde a família Garcia Leal se instalou, se apossou e formou fazendas, determinando parte do perfil da sociedade pastoril latifundiária regional.

Organizado com base no Projeto *A produção pastoril no Piauí, no Mato Grosso do sul e no Rio Grande do Sul, de 1780 a 1930: um estudo comparado*<sup>1</sup>, cadastrado na Coordenadoria de Pesquisa/PROPP/UFGD, sob a responsabilidade da Profa. Maria do Carmo Brazil, este ensaio intitulado *Sant'Ana de Paranaíba no século XIX: aportes para o debate sobre latifúndio e escravidão* procurou retirar do anonimato trabalhadores escravizados e camponeses pobres preexistentes no discurso historiográfico regional. Saliente-se que os escassos escritos sobre o segmento social subalternizado encontram-se restritos aos depoimentos isolados, às memórias da elite regional e local, aos dados dispersos nos inventários e aos documentos cartoriais, cujos detalhes sobre sua participação são quase imperceptíveis ou ligeiramente registrados nas narrativas dos viajantes que passaram pela região no século XIX.

---

<sup>1</sup> \*Mestranda em História pela FCH/UFGD (2008). E-mail : [isabelc\\_camargo@hotmail.com](mailto:isabelc_camargo@hotmail.com)

\*\* Docente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E-mail: [mc.27081@hotmail.com](mailto:mc.27081@hotmail.com)

□ O Projeto *A produção pastoril no Piauí, no Mato Grosso do sul e no Rio Grande do Sul, de 1780 a 1930: um estudo comparado* é coordenado pelo Prof. Mario José Maestri Filho. A equipe é constituída por três coordenadores regionais – Piauí, coordenado pelo Dr. Solimar Oliveira Lima; Rio Grande do Sul, pelo Dr. Maestri e Mato Grosso do Sul, pela proponente desta Proposta. O Projeto recebe financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPq) conforme Resultado do julgamento Edital Universal/MCT/CNPq 15/2007 - [474872/2007-6]. Faixa C.

### **Vales dos rios Sucuriú, Paraná e Paranaíba: Considerações históricas**

A região de Santana de Paranaíba era primordialmente ocupada pelos caiapós. Entre os anos de 1739-1755 o espaço tornou-se bastante freqüentado pelas expedições paulistas, que tinham como objetivo a captura de nativos para escravização. Entretanto, apenas em [1830](#) ocorreu a chegada de ocupantes *não índios*, oriundos de [Minas Gerais](#), como as famílias [Garcia Leal](#), Rodrigues da Costa, Correia Neves, Barbosa e Lopes. José Garcia e Januário Garcia Leal tornaram-se líderes dessa frente de ocupação. Na companhia de parentes, agregados, trabalhadores escravizados estabeleceram-se a três léguas de Paranaíba, próximo do [ribeirão Ariranha](#), com objetivo de desenvolver *plantagem*, engenho e, sobretudo, cultura pastoril. Genros e filhos de [Januário Garcia Leal Sobrinho](#) permaneceram por muito tempo nesse lugar antes de partirem para a região que deu origem a cidade de [Três Lagoas](#). Em [1836](#) erigiu-se a primeira igreja, graças à iniciativa dos Garcia e do Padre Francisco Sales de Souza Fleury. Dois anos mais tarde surgiu o distrito administrativo subordinado à comarca de Mato Grosso, com sede em Cuiabá. Na década de 1850, o distrito foi incorporado ao município de Corumbá até o dia 4 de junho de [1857](#), quando a povoação denominada Sant'Ana do Paranaíba, em homenagem a Nossa Senhora Santana, padroeira do lugar, foi elevada à categoria de vila, criando-se o município, desmembrado de Corumbá.

É grande o manancial de documentos capaz de revelar o processo de organização do espaço regional. Alguns deles registram casas de engenhos, paios, campos de criação de cabras, gados vacuns, muares, moinhos, monjolos, as relações sócio-produtivas e, sobretudo, a mão-de-obra utilizada – capatazes peões [nacional, camaradas e nativos] e cativos – nas lides pastoris das fazendas sulinas de Mato Grosso durante o século XIX.

Por entender que a região de Três Lagoas e da antiga Vila de Sant'Ana do Paranaíba, atual Santana de Paranaíba, precisa de merecida historicidade decidimos lançar esforços nessa direção. A existência de um passado escravista ainda causa estranhamento a muitos moradores locais, por achar impensável que a escravidão tenha alcançado os mais remotos recantos do Brasil, como é o caso do *Sertão dos Garcia*, como é conhecida hoje a região.

### **A abordagem**

No referente à questão do latifúndio e à organização das fazendas pastoris na região, temos recorrido a autores como Virgílio Correa Filho, Abílio de Barros, José de Barros Neto, José de Barros Maciel, Paulo Marcos Esselin, entre outros.

É certo que por muito tempo a historiografia silenciou-se a respeito das relações sócio-produtivas nas lides pastoris das fazendas sulinas de Mato Grosso durante o século XIX. Trabalhadores de Mato Grosso, sobretudo o escravizado, em do Mato Grosso ficou omitido pelas representações historiográficas durante o passado escravista, aspecto agravado durante os anos da ditadura militar, com escassas produções nesta questão. Esse quadro perdurou até a década de 1980, quando alguns estudiosos regionais arriscaram a alterá-lo, a partir de investigações e análises fecundas. A partir daí, surgiram as contribuições pioneiras de Edvaldo de Assis, Eunice Ajala Rocha, Lúcia Helena Gaeta Aleixo, Luiza Rios Ricci Volpato, Maria de Lourdes Bandeira, Maria do Carmo Brazil, Edvaldo de Assis, Maria de Lourdes Bandeira, Elaine Cancian, Zilda Moura entre os poucos que tomaram o negro escravizado como objeto de reflexão científica.

O esforço intelectual realizado nos últimos 30 anos tem feito avançar a produção historiográfica, com destaque para o papel do cativo africano e afro-descendente no centro-oeste brasileiro, a partir, sobretudo dos ensaios produzidos em torno do tema na região.

Como fontes históricas utilizamos, inicialmente, para apoiar nosso trabalho, autores que presenciaram in loco aspectos do processo de formação do latifúndio e a introdução, consolidação e desenvolvimento da produção pastoril, com destaque para Bartolomé Bossi, Hercules Florence, Francis Castelnau, Joaquim Moutinho, João Severiano da Fonseca e, sobretudo, inventários *pós-mortem* coletados no Tribunal de Justiça de Campo Grande/MS e Arquivo do Fórum de Corumbá/MS.

Em Campo Grande, especificamente no Arquivo Público de Mato Grosso do Sul, encontramos requerimentos de sesmarias, anais e correspondências, Inventários e heranças, relatórios, etc. Nessa cidade sul mato-grossense, encontra-se ainda o acervo do Memorial do Tribunal de Justiça de Campo Grande, reúne processos-crimes e inventários envolvendo proprietários, trabalhadores escravizados e livres, além de testamentos e inventários *pós-mortem* gerados nas cidades de Corumbá, Miranda e Paranaíba. O acervo do Memorial do Tribunal de Justiça de Campo Grande conta também com uma rica documentação relativa às fugas, cartas de alforrias e compra e vendas de negros escravizados. Como exemplo temos uma Carta de Liberdade do ano de 1845 constando a promessa de Joaquim Garcia Leal de libertar Maria e seus filhos Antonio, Procópio, Geraldo e Luiza. Os herdeiros de Joaquim Garcia Leal não poderiam mais incluir os referidos cativos na partilha já que eles estariam libertos após o falecimento do escravizador.

Entre os documentos do Tribunal encontramos também uma *Carta de Liberdade* do ano de 1850, cujo conteúdo não constava nenhum tipo de empecilho para a liberdade dos

cativos. Eles foram libertos, assim que o documento foi lavrado em cartório de Miranda. Este foi caso do escravizador Francisco Alves Cunha que libertou as cativas Maria crioula, Gregória mulata e seus cinco filhos, sendo dois meninos e três meninas. Sabe-se que ele era morador de Camapoã, antiga Freguesia de Miranda.

Outro documento interessante datado de 1860 refere-se às manumissões concedidas pelo capitão José Garcia Leal a vários trabalhadores escravizados de sua propriedade. No documento consta que eles deveriam servi-lo por mais dois anos antes de serem libertados. Dentre os possíveis alforriados estavam Francisco *benguela* e sua mulher Maria benguela, José Carapina e a sua mulher Escolástica, bem como seu filho Antonio Cesário Verde, com sua mulher Victoria crioula e suas três filhas. Observe-se que estes escravizados formavam um núcleo constituído de avós, pais e netos.

Os documentos também mostram a existência de escravos no poder dos que representavam a Igreja. Mas esse tema necessita de uma análise profunda que não cabe ao momento nem ao objetivo do atual estudo. O uso dos processos-crimes nesta pesquisa, bem como os outros tipos de fonte, impõe-se para a compreensão das relações entre escravizadores e trabalhadores escravizados na região.

### **Alguns resultados de análise**

O estudo sistemático de alguns inventários *post-mortem*, em processo de análise, revela importante presença nas fazendas pastoris da região e período proposto de cativos campeiros, certamente ao lado dos trabalhadores livres. Porém, a categoria “cativo vaqueiro ou campeiro” mantém-se ainda muito imprecisa. Entretanto, algo continua certo: é preciso definir com mais precisão o agir dos trabalhadores envolvidos nas lides pastoris e, sobretudo, as práticas produtivas desses segmentos para que possamos discutir, em certa medida, a contradição enfatizada pela historiografia sobre a parte sulina do antigo Mato Grosso, de que o instituto da escravidão não se coaduna com escravizados montados em vastos territórios, sobretudo em áreas de fronteiras como é o caso do antigo Mato Grosso.

## REFERÊNCIAS:

### 1. Fontes

FLORENCE, Hercules. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829*. São Paulo: Cultrix, 1977;

LEVORATO, Adão Valdemir. *Três Lagoas: dama em preto e branco (1918-1964)*. Três Lagoas/MS: GrafSet LTDA., 1999.

MOUTINHO, Joaquim Ferreira. *Notícia sobre a província de Matto Grosso, seguida d'um roteiro de viagem da sua capital a São Paulo*. São Paulo: Typ. Henrique Schoroeder, 1869.

PENTEADO, Yara (org.). **Como se de ventre livre nascido fosse...**: cartas de liberdade, revogações, hipotecas e escrituras de compra e venda de escravos. 1838-1888. Campo Grande, MS: SEJT, MS; SEEEB, MS; Ministério da Cultura/Fundação Cultural Palmares, DF, 1993. [Arquivo Público Estadual, MS.

### 2. Bibliografia

ALEIXO, Lúcia H. G. *Mato Grosso. Mato Grosso: Trabalho escravo e trabalho livre (1850-1889)*. Brasília: Alvorada, 1984.

ASSIS, Edvaldo de. **Contribuição para o estudo do Negro em Mato Grosso**. Cuiabá: UFMT/Proed, 1988.

BACELLAR, Carlos. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. IN: Pinsky, Carla Bressiani. **Fontes históricas**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BANDEIRA, Maria de Lourdes. **Território Negro em Espaço Branco**. São Paulo: Brasiliense/CNPq, 1988.

BRAZIL, Maria do Carmo. **Fronteira Negra**. Dominação, violência e resistência escrava em Mato Grosso -1718-1888. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo (Editora da UPF), 2002. (Coleção Malungo).

BRAZIL, Maria do Carmo. Rompendo os grilhões: insurgências de negros escravizados nos sertões de Mato Grosso. In: MAESTRI, Mário & ORTIZ, Helen [Org.]. **Grilhão Negro. Ensaios sobre a escravidão no Brasil**. Passo Fundo: Editora da UPF, 2008, p. 155-184.(Coleção Malungo, 16; no prelo).

CASTELNAU, Francis de la Porte. *Expedição às Regiões Centrais da América do Sul*. São Paulo: Melhoramentos, 1949

CANCIAN, Elaine. **A cidade e o rio: escravidão, arquitetura urbana e a invenção da beleza: o caso de Corumbá (MS)**. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo (Editora da UPF), 2005. (Coleção Malungo).

CASTRO, Celso. **Pesquisando em arquivos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

MOURA, Zilda. **Cativos nas terras dos Pantanais**. Escravidão e resistência no sul de Mato Grosso – séculos XVIII e XIX. Editora da Universidade de Passo Fundo (Editora da UPF), 2008. Editora da Universidade de Passo Fundo (Editora da UPF), 2005. (Coleção Malungo).

ROCHA, Eunice Ajala. O processo de emancipação dos escravos na Vila de Santa Cruz de Corumbá (1873-1888). **Dimensão**. UFMS/CEUC, Corumbá, n.5/7, p.78-108, 1976-1977.

SCHWARTZ, Stuart. **Escravos, roceiros e rebeldes**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

VOLPATO, Luiza Rios Ricci. **Cativos do Sertão – vida cotidiana e escravidão em Cuiabá em 1850-1888**. São Paulo: Marco Zero.